

ZÍLIA OSÓRIO DE CASTRO e JOÃO ESTEVES

[direcção]

# DICIONÁRIO NO FEMININO (séculos XIX-XX)

[coordenação]

ANTÓNIO FERREIRA DE SOUSA, ILDA SOARES DE ABREU  
e MARIA EMÍLIA STONE



Livros Horizonte

Shi

A direcção e os coordenadores desta obra agradecem todo o apoio prestado pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

DICIONÁRIO NO FEMININO  
(SÉCULOS XIX-XX)

*Título:*

Dicionário no Feminino  
(Séculos XIX-XX)

*Autores:*

Zília Osório de Castro e João Esteves (direcção)  
António Ferreira de Sousa, Ilda Soares de Abreu  
e Maria Emília Stone (coordenação)

*Revisão:*

António Ferreira de Sousa, Ilda Soares de Abreu,  
João Esteves e Maria Emília Stone

*Capa:*

Carlos Vieira Reis



© Livros Horizonte, 2005

ISBN 972-24-1368-6

Paginação:

Gráfica 99

Impressão e acabamento:

Tipografia Guerra

Dep. legal n.º 222140/05

Março 2005



Reservados todos os direitos de publicação  
total ou parcial para a língua portuguesa por  
LIVROS HORIZONTE, LDA.

Rua das Chagas, 17-1.º Dt.º - 1200-106 LISBOA  
E-mail: livroshorizonte@mail.telepac.pt

Zília Osório de Castro e João Esteves  
(direcção)

António Ferreira de Sousa, Ilda Soares de Abreu  
e Maria Emília Stone  
(coordenação)

# DICIONÁRIO NO FEMININO

## (SÉCULOS XIX-XX)

utilidade para o elemento feminino, como técnicas de enfermagem, indústrias caseiras, receitas de cozinha e notícias sobre economia doméstica; a todos estes somavam-se artigos de opinião, que focavam desde o divórcio e o sufrágio até à questão religiosa, e textos laudatórios de figuras republicanas. Na mesma revista conviviam escritos que respeitavam uma orientação mais tradicional da mulher, com outros que procuravam formá-la em novos moldes, visando a sua libertação futura. As suas páginas não descuraram os conselhos e regras pelas quais as leitoras se deveriam pautar, contando entre as colaboradoras várias mulheres, algumas delas identificadas como sócias. Embora parte dos escritos não estivessem assinados, houve participação regular das duas directoras e sabe-se que Fausta Pinto da Gama também participou intensamente, tendo sido das poucas mulheres que fugiram ao anonimato. Entre estas, e ainda que com escassos textos, salientam-se os nomes de Adelaide Cabete\*, Beatriz Pinheiro\*, Lucinda Tavares\*, Maria Benedita Pinho, Maria Clara Correia Alves\*, Maria de Azevedo\*, Maria Gonçalves de Freitas\*, Serrana\*, Teresa Deslandes\* e Vitória Pais Madeira\*. A publicação recorreu ainda à transcrição de artigos de outra imprensa, bem como à citação de pensamentos relacionados com a temática feminina e educativa, em geral da autoria de escritores e políticos famosos. A agonia da revista foi sendo progressivamente sentida, saindo alguns números com atraso e, no último exemplar, constatava-se que poucas pessoas a liam, tornando-se um encargo para a Liga. Dificuldades financeiras, que não podem ser dissociadas da diminuição da publicidade nas suas páginas, do aumento do custo de impressão de cada número e da escassez de assinantes, apressaram o seu desaparecimento em Maio de 1911, surgindo, no seu lugar, o jornal, também mensal, *A Madrugada*\*, reduzido a quatro páginas. A escolha do título será alvo de uma reflexão irónica e contundente por parte de Ana de Castro Osório, através de um texto enviado do Brasil. Entre *A Mulher e a Criança* e *A Madrugada* existiam diferenças de organização temática e de orientação, até porque o primeiro era uma revista e o segundo um jornal, embora prosseguissem os mesmos objectivos, mantendo-se nos respectivos logotipos as figuras da mulher rodeada de crianças.

Bib.: João Gomes Esteves, *A Liga Republicana das Mulheres Portuguesas – uma organização política e feminis-*

*ta (1909-1919)*, Lisboa, ONG do Conselho Consultivo da CIDM, 1992; “Expediente da Liga – A Mulher e a Criança – A Madrugada”, *A Mulher e a Criança*, n.º 24, Maio de 1911, p. 11, col. 1.

[J. E.]

### *Mulher Portuguesa (A)*

Em Junho de 1912, surgiu o primeiro número de *A Mulher Portuguesa*, “revista mensal educativa” de oito páginas e formato in 4.º a duas colunas, que tinha por lema as palavras “Perseverança, Verdade, Justiça” e “cujo fim é defender, pela palavra escrita, os ideais de progresso social, económico e político das mulheres”, procurando divulgar “os princípios essenciais que constituem esse importante movimento social, convencionalmente chamado Feminismo” [n.º 1, p. 1, col. 1]. Foi o primeiro órgão oficial da Associação de Propaganda Feminista\*, fundada em Maio de 1911, e apresentava como directora Ana de Castro Osório\*, embora estivesse então em S. Paulo, onde o marido era o Cônsul de Portugal, enquanto Albertina de Moura Benício\* desempenhava a função de editora e Joana de Almeida Nogueira\* a de administradora. Cada número avulso custava 4 centavos e a assinatura anual 40 centavos, sendo distribuída gratuitamente às sócias. O logotipo da revista era o mesmo que o da Associação, sendo representado sob a forma oval e dentro de uma coroa de flores, fechada pelo símbolo da República Portuguesa, sobressaía a imagem de uma mulher caminhando em direcção ao Sol, depois de ter quebrado as grilhetas que lhe amarravam as mãos e os pés, embora estas ainda oprimissem os pulsos e os tornozelos. Ao alto, estavam inscritas as palavras *Perseverança, Verdade, Justiça*. Ambicionava defender os interesses das mulheres, pugnou pela emancipação política e económica e reivindicou a sua educação e instrução, tanto prática como científica. Sempre que possível, acompanhou “o movimento feminista internacional, dando grande desenvolvimento ao estudo do sufrágio da mulher, base essencial da sua completa libertação político-social” [pp. 1-2]. Com secções permanentes em cada número, as mais importantes eram a da “Educação Prática”, do “Humanismo Integral”, e “Através do Mundo”. Assinada por Laura de Almeida Nogueira\*, Serrana\* ou Teresa Franco\*, esta última secção tinha como subtítulo “Noticiário feminista” e incluía notas e informações sobre acontecimentos nacionais e estrangeiros. Tanto destacava o falecimento de alguém

merecedor da consideração da Associação, como divulgava a luta das sufragistas inglesas ou o acesso de mulheres a profissões e cargos até então impensáveis. Entre as várias notícias, sobressaíam as relacionadas com o sufrágio feminino. Por mais díspares que fossem as realidades políticas e os movimentos dos países, eles não podiam deixar de merecer atenção e divulgação, porque os objectivos eram semelhantes, contribuindo para a emancipação feminina. As lutas feministas não se confinavam às fronteiras de cada Estado e o seu carácter universal, mesmo que frágil, dava força e energia às batalhas a desencadear dentro de cada um. Daí o noticiário sobre acontecimentos internacionais surgir mais como uma forma de mobilização interna, alargando a crença da justeza das suas reivindicações e do respectivo triunfo. Já a secção “Le Féminisme en Portugal – Bulletin pour l’Étranger”, surgida apenas num número, tinha a função contrária, ou seja, divulgar no estrangeiro as movimentações das feministas portuguesas e era redigida em francês. Não se tratava de uma iniciativa inédita na imprensa feminina, pois o jornal *A Madrugada*\* continha um espaço com os mesmos objectivos, e obteve desde logo resultados frutuozos, sendo através dela que a imprensa internacional captou a notícia da possibilidade das portuguesas poderem conquistar o direito de voto. A secção “Humanismo Integral – Opiniões de Pensadores” procurava inserir “páginas feministas de autores de todos os países, que, pela sua clareza, ponderação e bom senso, possam, de algum modo, iluminar e sanear os espíritos ainda falseados pela rotina” [n.º 1, p. 2]. Mas o único a merecer destaque foi o francês Emile Faguet, transcrevendo-se excertos do livro *Le Féminisme*, onde defendia a igualdade entre os sexos na família, na vida civil e na vida social. A revista recorreu frequentes vezes ao destaque de pequenas frases relacionadas com a causa que defendia e, entre os escassos textos assinados, predominavam as transcrições de jornais e livros em detrimento de uma produção ideológica própria e autónoma. Inseriu artigos de Ana de Castro Osório e a principal redactora devia ser Joana de Almeida Nogueira, que desempenhava as funções de administradora e teria o encargo da tradução dos textos publicados. Fazenda Júnior\* continuava a ser um dos fiéis colaboradores da imprensa feminista. Em resultado do formato e conteúdo, e em consequência do voto de Beatriz Ângelo\*,

*A Mulher Portuguesa* parece ter tido maior impacto e receptividade na comunidade feminista internacional, mantendo permuta com um leque diversificado de países e organizações. Durou apenas cinco números, publicando-se um total de 40 páginas, e a sua suspensão coincidiu com o momento em que Ana de Castro Osório visitou Portugal por um curto espaço de tempo.

Bib.: João Esteves, *As Origens do Sufragismo Português*, Lisboa, Editorial Bizâncio, 1998.

[J. E.]

### *Mulheres do Norte*

Editado no Porto, possui como subtítulo “Mensário de Arte e Literatura” e do logotipo fazem parte duas mulheres a dançar, vestidas com trajos de folclore. Conhecemos 33 números: do n.º 1, de 12 de Abril de 1925, ao n.º 33, de 12 de Dezembro de 1927. Na sua maioria contêm 4 páginas, mas os números 13, 15, 27 e 28 têm 8 páginas. O formato, constante em todos os números, era de 35 cm por 25,5 cm. Teve como directora Amélia de Guimarães Vilar\*, e como editor e redactor principal J. L. Gaya. Constituíra propriedade das “Mulheres do Norte” e a redacção e administração situavam-se na Rua Barão Nova Cintra, 33, Porto. No primeiro número, numa nota de apresentação, na primeira página, intitulada “Palavras indispensáveis”, expressa a intenção de vir a ser um “singelo passatempo intelectual agradável, que proporcionará [...] alguns momentos de prazer literário” de “boa e sã literatura”. Propõe-se ainda vir a ocupar “um lugar até hoje devoluto na imprensa local, pois não nos consta que outro jornal feminino tivesse vindo já a lume”. Contém poesia, conto, ensaio, crítica literária e de cinema; artigos sobre figuras conhecidas das artes ou das letras; textos sobre mulheres que se vão destacando na docência, na advocacia, na literatura ou nas artes do palco; notícias de eventos culturais (estreia de filmes e de peças de teatro, recitais de piano, sessões de declamação e outros espectáculos) e da publicação de livros, revistas e jornais; reportagens sobre diversos temas; artigos sobre pedagogia infantil; na rubrica “O que eles pensam de nós” são incluídas passagens de Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco, Júlio Dinis, Latino Coelho, Campos Monteiro, António Correia de Oliveira, Montesquieu e Vítor Hugo; insere ainda avisos aos leitores e assinantes; a última página inclui sempre uma secção de publicidade. Foram colaboradores: Adília dos